

Na Ilha do Pessegueiro

“A terceira porta.”

“A terceira porta.”

“A terceira porta.”

Nanda abriu os olhitos fixando o candeeiro no teto do pequeno quarto. As palavras ainda ecoavam¹ nos seus ouvidos como se alguém tivesse acabado de falar. Mas não, não havia mais ninguém. Com certeza despertara ainda durante um sonho, mas nem por isso deixara de ser uma boa noite de sono. Espreguiçou-se e empurrou o lençol com os pés até ao fundo da cama. A luz que já entrava pela janela trouxe-lhe o primeiro pensamento do dia – hoje ia visitar a ilha do Pessegueiro. Levantou-se de um pulo e bateu palmas entusiasmada.

Porto Côvo era um lugar ótimo para passar as férias de verão. Sol, praia e mar eram das coisas que Nanda mais apreciava². E que agradável era com as suas casinhas caiadas de branco! É claro que havia muita gente, mas nem por isso deixava de ser um sítio bonito para passear. E depois, ali mesmo pertinho da costa havia a pequena ilha do Pessegueiro. Uma ilha onde já tinham estado os romanos e onde muito tempo depois, já lá vão 400 anos, foi construído um Forte³. Mas o que mais chamava a atenção de Nanda era que, também por essa altura, a ilha servia de abrigo aos piratas!

¹ repetiam-se

² gostava

³ Espécie de castelo

Logo após o pequeno almoço, a família partiu em direção ao cais⁴ onde podiam apanhar o barco que os levaria até à ilha.

Finalmente assentou os pés em terra firme. O mar estava bom e a travessia tinha sido calma. Olhou para um lado e para o outro e logo avistou⁵ as extremidades⁶ da ilha. Em frente, um pouco mais acima, surgia a única construção visível agora em ruínas – o Forte.

Apesar de não viver ninguém ali, Nanda sentiu-se entusiasmada só de pensar quantas pessoas viveram ou pararam ali ao longo de mais de 2000 anos. Agora, apenas as gaivotas e outras aves das quais não sabia o nome ocupavam aquele espaço. Depois de percorrerem a ilha a toda a volta subiram em direção ao antigo Forte.

Chegados perto das ruínas puderam observar⁷ de perto parte das paredes que ainda se mantinham de pé. Em cada um dos cantos daquela construção parecia ter existido uma torre que sobressaía⁸ das paredes. Nanda afastou-se um pouco do grupo de visitantes e aproximou-se mais da entrada. Lá dentro, a vegetação tinha crescido por entre as pedras e cobria quase todas as paredes. Era muito difícil alguém conseguir entrar. Até podia ser perigoso. No entanto a menina era bastante curiosa e decidiu dar uma espreitadela. Era uma pena estar ali e não conseguir ver mais alguma coisa...

Chegou-se um pouco mais à frente. De cada lado havia uma pedra mais alta que as restantes, no local onde deveria ter existido uma porta

⁴ Onde param os barcos

⁵ viu

⁶ pontas

⁷ Olhar com atenção

⁸ Saía para fora

enorme. Ainda dava para passar! Dois passos mais e já estava a atravessar essa entrada. Ao passar entre as duas pedras sentiu algo de estranho. O ar deixou de ser quente e parecia já não sentir o sol a queimar a sua pele. Uma lufada⁹ de ar húmido envolveu-a, ao mesmo tempo que sentiu um forte odor¹⁰ de madeira velha e um sabor na boca de algo salgado.

Acabara de dar um passo para dentro quando tudo se transformou. As paredes surgiram¹¹ perfeitas de ambos os lados do corredor à sua frente. Estava escuro. Uma tocha¹² aqui e outra ali iluminavam a passagem. Nanda estava sem palavras. Sem acreditar avançou até ao fundo. À sua frente umas escadas subiam até ao teto, terminando numa abertura estreita para fora, mostrando o céu escuro onde brilhavam duas ou três estrelas. *Então agora é de noite*, pensou a pobre Nanda completamente baralhada. Mais estreito, o mesmo corredor virava à direita e logo a seguir à esquerda, contornando¹³ a escada. Continuou por aí. Por essa altura já ouvia vozes lá muito ao fundo. Vozes de homens que falavam e cantavam em grande confusão. Mesmo assim, corajosa como era, decidiu ir espreitar a algumas portas que via no corredor.

Na primeira, a porta estava aberta e apenas entrava alguma luz do luar por dois buracos existentes na parede. Vários barris dispostos¹⁴ à sorte eram a única coisa que lá havia. Espreitou mais à frente, mas esta sala parecia vazia. Por breves instantes viu apenas um ratito a passar ao fundo. Arrepiou-se resolveu continuar. Da porta seguinte pareceu-lhe sair

⁹ Vento forte

¹⁰ cheiro

¹¹ apareceram

¹² Feita de um material que arde para iluminar

¹³ Dando a volta

¹⁴ colocados

mais luz. Contornou uns caixotes que estavam junto da parede e aproximou-se com cuidado. Espreitou pela porta entreaberta¹⁵ e arregalou os olhos. Não acreditava no que via!

Pousados em cima de uma mesa estavam uma espada presa a uma tira de couro e um chapéu escuro e esquisito em forma de triângulo. Debruçado sobre um velho papel muito sujo, um homem de cabelo comprido e barba por fazer estudava-o atentamente¹⁶ com a ajuda da luz de uma vela. De repente pousou a vela e levantou-se bruscamente¹⁷ empurrando a mesa, enquanto dava uma grande risada.

“Ah, ah, ah!” E continuou levantando os braços para a frente, falando para si próprio. “Zack, meu velho matreiro¹⁸, és o pirata mais esperto do Atlântico e arredores!”

Ainda a rir-se dirigiu-se apressado para a porta. Nanda não esperou mais. Voltou atrás e só teve tempo de se esconder entre a parede e os caixotes no corredor. Apesar de coxear um pouco, Zack saiu disparado em direção àquela confusão de vozes, gritando:

“Rapazes! Rapazes! Descobri! Já descobri onde vamos desencantar¹⁹ o próximo tesouro!”

Piratas. Ainda não dava para acreditar. Eram piratas. Por entre mil pensamentos a pequena Nanda lembrou-se então das palavras que a acordaram de manhã – *a terceira porta!* E era aquela a terceira porta do corredor. Estava tão entusiasmada! Tinha que dar mais uma espreitadela.

¹⁵ Aberta um bocadinho

¹⁶ Com atenção

¹⁷ Sem estarmos a contar com isso

¹⁸ manhoso

¹⁹ descobrir

O corredor deserto encorajou-a. Rapidamente saiu do esconderijo e entrou na sala, agora com a porta totalmente aberta. A luz dos archotes²⁰ deixava ver uma outra mesa mais pequena onde estavam pousados alguns pertences²¹ do pirata. Perto desta, uma cama tosca²² de madeira com um colchão bastante sujo. Nada mais parecia haver para além dum pequeno baú encostado à parede. Curiosa, a pequena aproximou-se e abriu-o com cuidado. Logo abriu a boca de espanto. Centenas de moedas de ouro enchiam o baú até meio! A medo, Nanda mexeu e remexeu com as duas mãos todas aquelas moedas. Pegou numa e observou maravilhada como brilhava com a luz trémula²³ da sala.

De repente ouviu mais barulho que o normal e calculou que Zack e os amigos voltassem ali. Correu para a porta e espreitou. Sentiu a moeda na mão e meteu-a no bolso dos calções para que não brilhasse no escuro. Saiu então do quarto e voltou apressada para a saída tentando passar nas partes mais escuras. À medida que se aproximava sentia o ar fresco da noite que entrava e ouvia o barulho das ondas a embaterem nas rochas. Passou a saída e fechou os olhos, aflita. A luz do sol surgiu tão de repente que por momentos deixou de ver. Voltou a abri-los lentamente e viu mais abaixo o grupo que visitava a ilha. Não percebia. *Será que afinal ainda estou na cama e não acordei?* pensou, confusa. Mas não. A voz da mãe dizia-lhe que estava mesmo acordada:

“Então Nanda, que estás aí a fazer?”

Enquanto descia a menina foi dizendo:

²⁰ O mesmo que tochas

²¹ Coisas que pertenciam ao pirata

²² Que está mal feita

²³ Que tremia

“Eu estive ali no Forte...” e apontava para trás. “À entrada do Forte a ver lá dentro... onde estão os... os...” e desta vez virou-se para olhar, mas só via as paredes novamente em ruínas. “Eu estava a ver os arbustos... os arbustos... ali dentro...” voltou a explicar sem acreditar numa única palavra do que dizia.

Ainda sem perceber bem o que lhe tinha acontecido, Nanda juntou-se ao grupo para voltar ao barco que os traria de regresso. Realmente este sítio dava lugar ao sonho. Por minutos sonhara acordada, pensando viver uma aventura com os piratas que em tempos passaram pela ilha do Pessegueiro. Imaginem só. E lá foi, contente por ter visitado uma ilha que parecia não ter nada, mas que no fundo tem feito parte da História ao longo destas centenas de anos.

Depois de passar parte da tarde na praia a pensar naquela visita estranha que fizera à ilha, Nanda estava cansada. Depois do jantar anunciou que tinha sono, despediu-se de todos e foi para o seu quatinho. Finalmente ia dormir! Atirou com os calções e a t-shirt para cima da cama e vestiu o pijama. Antes de se enfiar entre os lençóis colocou a t-shirt no cesto para lavar e dobrou os calções para arrumar. *Espera, há alguma coisa estranha aqui*, pensou. Voltou a desdobrá-los e apalpou. Com ar intrigado meteu a mão no bolso. Ficou sem palavras quando tirou uma moeda amarelinha e reluzente lá de dentro. Caiu sentada na cama a olhar fixamente para a moeda.

Era a moeda de ouro dos piratas!

